



AVALIAÇÃO DA DOR EM MULHERES MASTECTOMIZADAS QUE NÃO REALIZARAM RADIOTERAPIA: QUESTIONÁRIO MCGILL

Marília de Seixas e Souza Barrios, discente de graduação em Fisioterapia,
Universidade Federal de Santa Maria, Campus Santa Maria

Sabrina Orlandi Barbieri, discente de graduação em Fisioterapia, Universidade
Federal de Santa Maria, Campus Santa Maria

Camila Laís Menegazzi Giongo, discente de graduação em Fisioterapia,
Universidade Federal de Santa Maria, Campus Santa Maria

Melissa Medeiros Braz, docente do curso de Fisioterapia, Universidade Federal de
Santa Maria, Campus Santa Maria

e-mail - mariliabarrios2@gmail.com

O câncer (ca) de mama é uma das neoplasias mais comuns entre as mulheres no Brasil e no mundo. A mastectomia é o tratamento cirúrgico mais recorrente, podendo causar complicações pós-operatórias (PO) por ser muito agressiva. São recorrentes os relatos de dor associada à cirurgia, bem como à radioterapia (RT) e à quimioterapia (QT). A dor crônica é patológica e pode resultar em perdas funcionais, depressão e ansiedade. A Síndrome da Dor Pós-Mastectomia (PMPS) atinge inúmeras pacientes mastectomizadas. A Fisioterapia tem possibilidades de manejos frente à queixa de dor, sendo importante conhecer as características da dor em questão, para que o tratamento se adeque às necessidades da paciente. Assim, o estudo objetiva analisar a prevalência e características da dor crônica em mulheres pós-mastectomia, delineando o perfil oncológico das pacientes, identificando intensidade e características da dor, e analisando a relação entre a presença de dor crônica pós-mastectomia sem RT e aspectos cirúrgicos. Trata-se de um estudo descritivo, com recorte transversal e abordagem quantitativa. As avaliações ocorreram no Ambulatório de Fisioterapia do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM) entre julho e novembro de 2019. Foram incluídas mulheres maiores de 18 anos, após 3 meses de PO de cirurgias radicais para o tratamento do ca de mama, com ou sem reconstrução mamária. Foram aplicados questionário sociodemográfico para conhecer as particularidades clínicas de cada paciente e o Questionário de dor McGill adaptado ao português, que compreende as dimensões sensorial-discriminativa, afetivo-motivacional e cognitivo-avaliativa da dor. O questionário pode totalizar a pontuação máxima de 78, sendo que quanto maior a pontuação, maior a dor. Foram avaliadas 16 mulheres, com média de idade $55,88 \pm 9,42$ anos. Das entrevistadas, 56,25% não passaram pela RT. Dessas, 66,67% foram acometidas por carcinoma ductal invasivo; 55,56% haviam sido submetidas à cirurgia entre 3 meses a 1 ano; 66,67% fez esvaziamento axilar (EA); 55,56% fez reconstrução mamária (44,44% delas com prótese de silicone); 44,44% também passou pela QT. No grupo de mulheres sem RT, 66,66% delas assinalou um número ≥ 17 dos 20 descritores de dor. A pontuação média no questionário foi de $22 \pm 13,73$. Nenhum dos domínios do McGill foi estatisticamente significativo com relação à dor. Além disso, 88,89% das entrevistadas contou com assistência fisioterapêutica no PO. Conclui-se que a amostra analisada

possui algum tipo de dor, porém não de modo intenso, sendo esta particular e multifatorial, a qual cada mulher percebe de uma maneira diferente. Assim, pode-se inferir que o alto nível de acesso do grupo à reabilitação físico-motora PO pode ter contribuído para este resultado.

Agradecimentos: Universidade Federal de Santa Maria, Ambulatório de Fisioterapia do Hospital Universitário de Santa Maria.

Palavras-chave: Neoplasias da mama; Dor crônica; Mastectomia; Radioterapia.